

Questões sobre acento(s) não-primário(s) no PE*

Adelina Castelo

Escola Superior de Educação de Viseu – Pólo de Lamego
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

I. Introdução

Esta comunicação baseia-se nos resultados de um trabalho preliminar, a desenvolver numa dissertação de mestrado sobre a proeminência secundária no Português Europeu (PE). Pretendemos, assim, apresentar algumas hipóteses relativamente à distribuição dos acentos não-primários no PE, no domínio da palavra prosódica (ω), com base numa experiência de percepção. Para o efeito, adoptamos os pressupostos da Fonologia Métrica (Halle e Vergnaud, 1987) e da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986), esta última enquanto teoria que delimita os domínios para a actuação das regras métricas. A definição de palavra prosódica no PE que teremos em conta é a que foi proposta por Vigário (2003).

Na literatura encontramos, *grosso modo*, três grandes propostas diferentes para descrever a distribuição dos acentos secundários do PE. A primeira consiste em atribuir os acentos não-primários a um princípio que gera um ritmo binário, actuando da direita para a esquerda, a partir do acento primário (cf. Andrade e Viana, 1989, 1999; Mateus e Andrade, 2000; Mateus, 2003), ou podendo actuar quer da direita para a esquerda, quer da esquerda para a direita (Pereira, 1999). Podemos observar em (1) um exemplo apresentado em Pereira (1999), que mostra a actuação do princípio da esquerda para a direita (1a) e da direita para a esquerda (1b). Em (1a), não é atribuído qualquer acento secundário à terceira sílaba da palavra, já que a regra constrói um constituinte (cuja cabeça constitui um acento secundário) apenas com dois elementos. Em (2), apresentamos um

*Esta investigação enquadra-se no âmbito do Projecto “Compreender a Fonologia: os constituintes fonológicos no Português Europeu” (FCT, POCTI/33277/LIN/2000) e a autora agradece a bolsa de investigação, concedida através do mesmo Projecto, que lhe permitiu realizar este trabalho. Agradece ainda à Prof.ª Dr.ª Maria Helena Mateus, à Prof.ª Dr.ª Marina Vigário e à Prof.ª Dr.ª Sónia Frota, por terem discutido consigo várias fases deste trabalho, assim como à leitora do *corpus* e a todas as pessoas que fizeram comentários ou sugestões aquando da realização desta comunicação.

exemplo de Andrade e Viana (1999), que consiste numa palavra com um maior número de sílabas pré-tónicas.

- (1) a. carnavalesco¹
 b. carnavalesko
 (2) constantinopolitano

De acordo com a segunda proposta, presente em Brandão de Carvalho (1988-1992), o sistema acentual do PE reflecte o valor da quantidade silábica. Assim, tendo em conta a constituição das sílabas, cada terceira mora pré-tónica, contada a partir do acento primário para a esquerda, recebe um acento secundário. Constituem sílabas pesadas, isto é, sílabas correspondentes a duas moras, as que incluem vogais abertas, vogais nasais, ditongos, // em coda e /r/ em coda na posição final de palavra. O mesmo autor defende ainda a existência de sílabas infra-leves, isto é, sílabas que só são acentuadas quando não há outra opção: as sílabas cujo núcleo é constituído pela vogal central alta. Ilustramos esta proposta em (3).

- (3) a. Alexandria /'s(s)S/²
 b. mercantilismo /'Ss/

Finalmente, em Prota e Vigário (2000) e Vigário (2003), encontramos a terceira proposta, segundo a qual existe apenas um acento secundário no início de palavra prosódica. Segundo Vigário (2003), este acento inicial pode ocorrer na primeira ou segunda sílaba, pois ambas contam como início de palavra para este efeito, o que prediz padrões acentuais semelhantes a alguns dos propostos por outros autores (cf. (1) e (3)).

Outros autores (como Andrade e Viana, 1999; Mateus e Andrade, 2000; Brandão de Carvalho, 1988-1992) defendem igualmente a existência de um acento secundário inicial, que, no entanto, coexiste com acentos atribuídos por outros princípios que não a posição em início de palavra. Brandão de Carvalho (1988-1992) sugere até a coexistência de dois sistemas acentuais no PE: o mais antigo, que é moraico e actua da direita para a esquerda, e um relativamente recente, não moraico, acentuando sempre a primeira sílaba pesada ou, na falta desta, a sílaba inicial da palavra e actuando da esquerda para a direita.

2. Metodologia

Este trabalho baseia-se numa experiência de percepção. Começámos por elaborar um *corpus* de 125 palavras prosódicas. Cada palavra prosódica foi lida quatro vezes: uma vez isoladamente e três vezes inserida em frases diferentes. Na sua escolha tivemos em conta três variáveis: (i) o tipo de palavra prosódica a que pertence (simples, com adjunto ou composta – cf. Vigário, 2003); (ii) o número de sílabas pré-tónicas; e (iii) o timbre das

¹ As sílabas com acento secundário serão sublinhadas, enquanto as grafadas com negrito e sublinhado constituem as sílabas com acento primário.

² Seguindo a notação do autor, as sílabas pesadas são representadas por *S*, as leves por *s* e as infra-leves por (*s*).

vogais presentes nas três primeiras sílabas da palavra (reduzida – isto é, [+alt] ou [+rec. -arr, -bx] – vs. não reduzida ou nasal).

Esse *corpus* foi lido por uma falante nativa do Português de Lisboa de 21 anos, estudante de Psicologia, e gravado em sala parcialmente insonorizada. Posteriormente, os acentos não-primários das palavras prosódicas em questão foram percebidos por uma falante nativa do Português de Lisboa de 26 anos, estudante de Fonologia: ao ouvir cada item o número de vezes de que precisasse, marcou os acentos percebidos com o diacrítico (´) sobre a sílaba pretendida nas folhas que continham a transcrição de toda a gravação.

Em seguida, observámos as regularidades encontradas nos dados e elaborámos hipóteses que as descrevessem. Finalmente, os dados relativos a cada acento foram inseridos numa base de dados e depois convertidos em frequências relativas (em %). Confrontámos, então, os resultados quantitativos obtidos com as hipóteses iniciais.

3. Análise dos Dados

Ao observarmos os dados, verificamos que, em palavras prosódicas derivadas com mais de três sílabas pré-tónicas, foram percebidos muitos acentos secundários na segunda sílaba à esquerda do acento primário. Designaremos os acentos presentes nessa posição por “acentos especiais” pelos três motivos que se seguem: (i) ocorrem em palavras com um número variável de sílabas pré-tónicas (sendo este número tanto par, como ímpar); (ii) recaem com bastante frequência nessa sílaba (mesmo quando esta é antecedida por uma vogal não reduzida – cf. *receptividade* – ou por uma sílaba de constituição mais complexa – cf. *ultra-simplificações*); e (iii) integram uma combinação de morfemas específica (em palavras com outras combinações de sufixos raramente encontramos este “acento especial” – cf. *interculturalidade*, *perpendicularidades*). Vejamos alguns exemplos de percepções de palavras deste tipo presentes no Quadro 1.

<i>Percepções com o acento “especial”</i>	<i>Percepções sem o acento “especial”</i>	<i>Nº de sílabas pré-tónicas / Constituição da ω</i>
<i>Receptividade</i>	<i>Receptividade</i>	4 pré-tónicas
<i>Alfabetização</i>	<i>Alfabetização</i>	5 pré-tónicas
<i>Responsabilizações</i>	<i>Responsabilizações</i>	6 pré-tónicas
<i>Ocidentalizações</i>	<i>Ocidentalizações</i>	6 pré-tónicas
<i>Ultra-simplificações</i>	<i>Ultra-simplificações</i>	ω + 4 pré-tónicas
<i>Em alcalinização</i>	<i>Em alcalinização</i>	adjunto+ 5 pré-tónicas
	<i>A complexificação</i>	adjunto+ 6 pré-tónicas

Quadro 1: Exemplos de percepções com e sem o acento “especial”

Perante estas especificidades podemos colocar duas hipóteses: (i) trata-se de uma espécie de acento “lexicalizado” em determinadas combinações de morfemas (-*iza(r)-ção*; -*ifica(r)-ção*; -*tiv(o)-idade*); (ii) existe um princípio que, actuando da direita para a es-

querda, acentua apenas a segunda sílaba, nas palavras com mais de três sílabas pré-tónicas (dando origem ao que poderíamos designar por acento “segundo direita-esquerda”).

Explicitando melhor a primeira hipótese, pode existir um acento cuja posição é determinada pela informação contida na entrada lexical de certos sufixos derivacionais: “atribua-se um acento secundário à sílaba *s* do sufixo”. Como muitas vezes a acentuação deste sufixo daria lugar a um choque acentual com o acento primário, esta só é visível quando o sufixo em causa é seguido por outro sufixo que garanta um número suficiente de sílabas átonas entre o acento secundário e o acento primário: daí a ocorrência de acentos “lexicalizados” em palavras com dois sufixos como os acima apresentados (*-ifíca-ção* em *ultra-[[[simpl]ifica]ção]*...).

De momento, não conseguimos optar por nenhuma hipótese. Embora a primeira ofereça a vantagem de explicar a ocorrência de um acento secundário apenas em certas combinações de morfemas, constitui, por outro lado, uma hipótese completamente diferente do que tem sido proposto para o PE. Convém sublinhar que este acento “especial” ocorre em apenas 38,63% dos contextos existentes, pelo que a sua realização fonética é opcional.

Como se verá adiante, é importante distinguir os diferentes tipos de vogais, pois eles apresentam comportamentos diversos quanto à acentuação secundária. Assim, algumas vogais parecem ser mais “fortes” do que as outras, como é o caso das vogais não sujeitas à redução habitual nas posições átonas em PE e o caso das vogais nasais. Por este motivo, passaremos a designá-las, daqui em diante, por “fortes”.

Observando o Quadro 2, constatamos que os padrões acentuais encontrados nas palavras prosódicas simples se caracterizam frequentemente pela percepção de um acento na primeira, na segunda ou na terceira sílaba da palavra. Os acentos percebidos na terceira sílaba verificam-se quando esta apresenta no núcleo uma vogal “forte” (como por exemplo uma vogal nasal – cf. *ocidentais*) ou quando também existe um acento na primeira sílaba (cf. *monumentalidade*). Já os acentos na primeira e na segunda sílabas não se explicam tão facilmente, pois algumas vezes coincidem com vogais “fortes” (cf. *salgados* e *afectividade*) mas muitas vezes tal não acontece (cf. *monumentalidade*, *ocidentais* – na última palavra, o acento é atribuído à segunda sílaba apesar de esta até se encontrar entre duas sílabas com vogais “fortes”: *o* e *den*).

\emptyset acentos na ω	acento na σ_1 da ω	acento na σ_2 da ω	acento na σ_3 da ω
<i>Salgados</i>	<i>Salgados</i> <i>Afectividade</i> <i>Orçamentistas</i> <i>Ocidentais</i> <i>Monumentalidade</i>	<i>Afectividade</i> <i>Orçamentistas</i> <i>Ocidentais</i> <i>Monumentalidade</i>	<i>Ocidentais</i> <i>Ocidentais</i> <i>Monumentalidade</i>

Quadro 2: Exemplos da percepção do acento secundário em palavras prosódicas simples

* Empregamos o termo “forte” para evitar o adjectivo “pesado”, já que este último pode levar a pensar num sistema apresentando quantidade silábica ou vocálica e não temos, neste momento, possibilidade de verificar se tal se aplica ao sistema de acentuação secundária no PE.

<i>Ø acentos na ω_{min}</i>	<i>acento na σ_1 da ω_{min}</i>	<i>acento na σ_2 da ω_{min}</i>	<i>acento na σ_3 da ω_{min}</i>
<i>Com <u>autoridade</u> Com <u>conhecimento</u></i>	<i>Com <u>autoridade</u> Com <u>conhecimento</u> Com <u>conhecimento</u> A <u>fundamentação</u> A <u>consonantização</u> Em <u>alcalinização</u></i>	<i>Com <u>autoridade</u> Os moç<u>umbic</u>anos</i>	<i>A <u>consonantização</u> A <u>consonantização</u></i>

Quadro 3: Exemplos da percepção do acento secundário em ω com adjunto

Observando agora algumas palavras prosódicas compostas (cf. Quadro 4), verificamos que a nossa proposta continua a dar conta dos dados e que a palavra prosódica mínima continua a estabelecer o domínio dos princípios que dão origem aos acentos não-primários.

<i>Ø acentos na ω_{min}</i>	<i>acento na σ_1 da ω_{min}</i>	<i>acento na σ_2 da ω_{min}</i>	<i>acento na σ_3 da ω_{min}</i>
<i>Hetero-<u>correções</u></i>	<i>Macro-<u>mercantilismo</u> Pró-<u>federalização</u> Aero-<u>circulação</u> Hetero-<u>correções</u></i>	<i>Macro-<u>mercantilismo</u></i>	<i>Pró-<u>federalização</u> Pró-<u>federalização</u></i>

Quadro 4: Exemplos da percepção do acento secundário em ω compostas

Analisemos apenas dois exemplos. Em duas percepções da palavra *macro-mercantilismo*, revela-se a actuação dos dois princípios. Em *macro-mercantilismo*, actua o acento inicial (que atribuí um acento secundário à primeira sílaba da palavra prosódica mínima) enquanto, em *macro-mercantilismo*, actua o acento “segundo” (que atribuí um acento secundário à segunda sílaba da palavra prosódica mínima).

Vejamos agora a palavra *pró-federalização*. Em *pró-federalização* encontramos a actuação dos dois princípios, sendo o acento “segundo” deslocado para a terceira sílaba (para evitar o choque com o acento secundário inicial). A percepção de *pró-federalização* apresenta apenas um acento “segundo”, que é deslocado para uma vogal mais “forte”: a vogal central média sofreu o processo de redução vocálica em posição átona mas parece ser mais “forte” do que a vogal central alta, vogal que só recebe um acento secundário quando não existe outra opção. O facto de se evitar a atribuição de acento não-primário à vogal central alta já foi também notado em Brandão de Carvalho (1988-1992) e em Pereira (1999).

Podemos então considerar a existência de uma “escala de força vocálica”, na qual as vogais mais “fortes” são as nasais e as não reduzidas, sendo seguidas pelas vogais reduzidas e, finalmente, pela vogal mais fraca que se evita acentuar – o schwa.

Confrontaremos agora estas hipóteses para explicar a distribuição dos acentos secundários percebidos pela informante com os resultados quantitativos obtidos.

A Figura 1 apresenta a percentagem de acentos atribuída a cada sílaba, tendo em conta o número de sílabas existentes. Concretizando, com este gráfico mostramos qual a proporção entre o número de primeiras (segundas, terceiras...) sílabas (na direcção esquerda-direita) acentuadas e o número total de primeiras sílabas existentes no *corpus*. Por exemplo, 30,42% na sílaba 2 corresponde à proporção entre as 101 segundas sílabas pré-tónicas percebidas como acentuadas e o total de 332 segundas sílabas pré-tónicas existentes no *corpus* (contadas da esquerda para a direita). Na elaboração deste gráfico, contabilizámos apenas as sílabas e os acentos existentes na palavra prosódica simples e na palavra prosódica mínima das palavras prosódicas compostas ou com adjunto, omitindo os acentos considerados “especiais”.

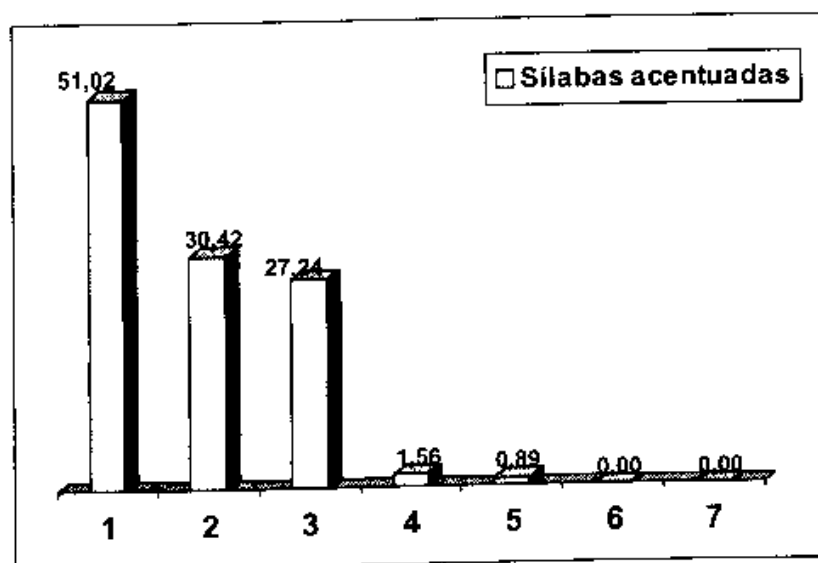


Figura 1: Proporção dos acentos secundários percebidos por nº de sílabas existentes: direcção E-D; ω simples e ω mínima das ω não-simples; sem acentos “especiais”

Podemos constatar que praticamente as únicas sílabas que apresentam acentos não-primários são as três primeiras: as primeiras sílabas apresentam a percentagem de acentos percebidos mais alta (51,02%), seguidas pelas segundas sílabas (30,42%) e pelas terceiras (27,24%). Estes factos corroboram a nossa proposta: o acento na terceira sílaba ocorre com menos frequência, pois deriva do acento “segundo”, apenas em determinadas circunstâncias.

Tanto nas palavras de cinco sílabas pré-tónicas (cf. Figura 2), como nas de seis (cf. Figura 3), são atribuídos acentos não-primários praticamente apenas às três primeiras sílabas. Os acentos que ocorrem na segunda sílaba à esquerda do acento primário são quase todos eles acentos “especiais”. Além disso, mesmo que não distinguíssemos os acentos “especiais” dos outros, a observação dos resultados das palavras de cinco sílabas pré-tónicas mostra como não podemos considerar a existência de um ritmo binário: a percentagem de acentos aumenta da σ_1 para a σ_2 , mas depois vai sempre diminuindo até ao acento primário. Convém, no entanto, sublinhar que a actuação dos princípios propostos

algumas vezes dá origem a um efeito de acentuação alternante (cf. resultados das palavras de seis sílabas pré-tónicas na Figura 3).

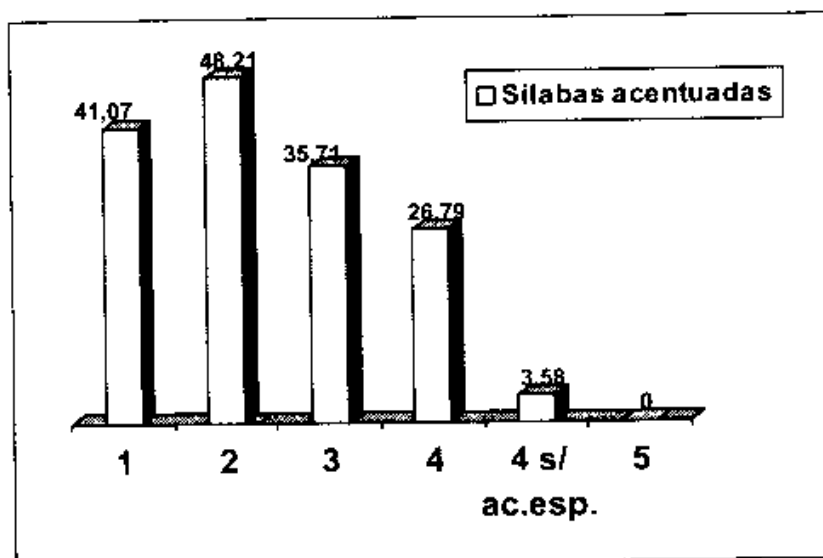


Figura 2: Proporção dos acentos secundários percebidos por nº sílabas de existentes nas palavras de cinco sílabas pré-tónicas: ω simples e ω mínima das ω não-simples

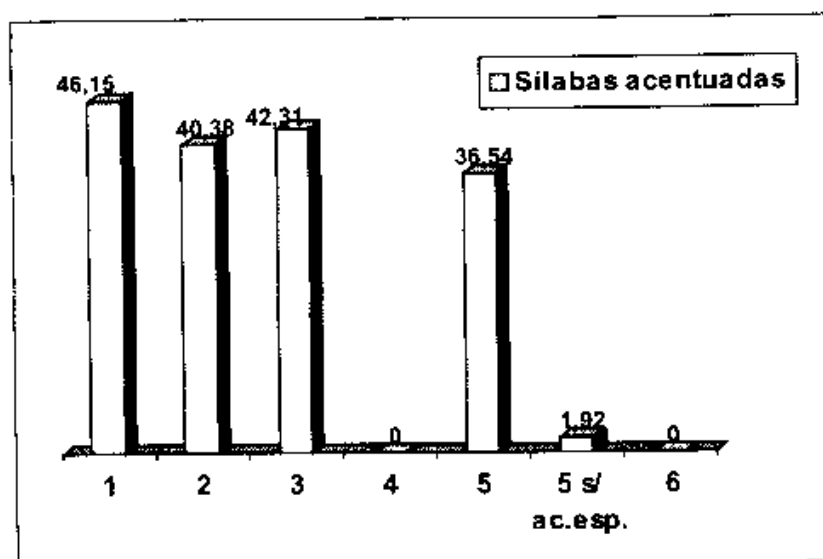


Figura 3: Proporção dos acentos secundários percebidos por nº de sílabas existentes nas palavras de seis sílabas pré-tónicas: ω simples e ω mínima das ω não-simples

Finalmente, comparando a proporção de acentos atribuídos às vogais de diferentes timbres (cf. Figura 4), constatamos que as vogais nasais e as não reduzidas são as mais acentuadas, seguidas pelas vogais reduzidas e pelo schwa. Estes dados parecem confirmar a hipótese de que a “força” das vogais pode influenciar a escolha do princípio de acentuação secundária e a própria escala de “força” vocálica que propusemos.

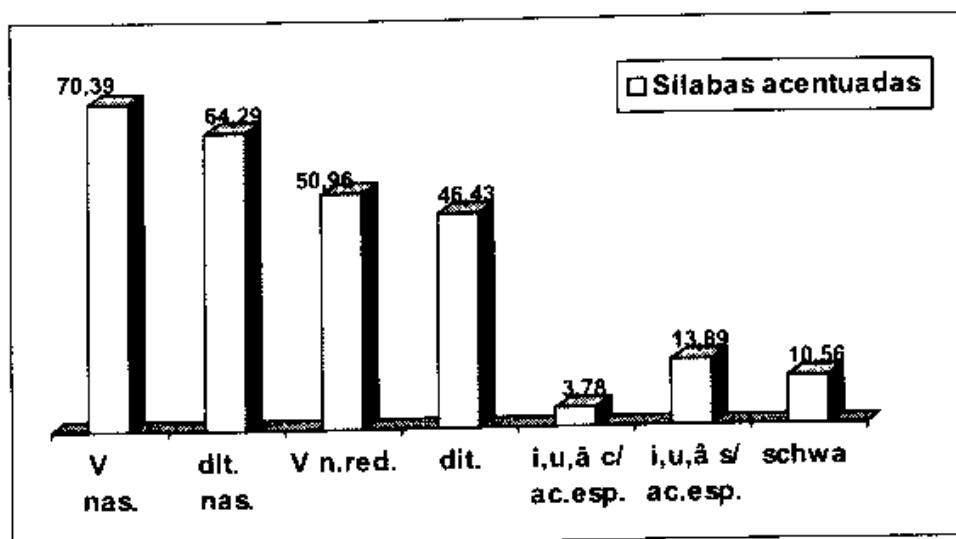


Figura 4: Proporção dos núcleos dos acentos percebidos por nº de núcleos das sílabas existentes (domínio ω_{\max})⁶

Uma vez que a nossa proposta, de uma forma geral, é capaz de dar conta dos dados apresentados, sistematizamo-la em (7).

(7) a. O domínio dos princípios de acentuação secundária e de reajustamento é constituído pela ω mínima. Os princípios de acentuação secundária são ordenados antes dos de reajustamento.

b. *Princípios de acentuação secundária*

(i) **Acento inicial** (opcional): Projecte batimento forte na primeira sílaba.

(ii) **Acento “segundo”** (opcional): Projecte batimento forte na segunda sílaba.

(iii) **Acento secundário “lexicalizado”** (opcional): Projecte batimento forte sobre as sílabas com acentos secundários marcados na entrada lexical de determinados morfemas.

ou Acento “segundo direita-esquerda” (opcional): Projecte batimento forte na segunda sílaba pré-tónica no sentido direita-esquerda, em palavras com, pelo menos, quatro sílabas pré-tónicas.

c. *Princípios de reajustamento*

(i) **Força vocálica** (opcional): No limite das três primeiras sílabas da palavra prosódica mínima (esquerda-direita), desloque um batimento forte para a direita, quando a vogal seguinte é mais “forte” do que a anterior, de acordo com a escala de força vocálica “vogais nasais e não reduzidas > vogais anterior e posterior altas e vogal central média > vogal central alta”.

⁶ Por razões de processamento do gráfico da Figura 4, a vogal central média é representada por \hat{a} . Os núcleos apresentados no mesmo gráfico são: vogais nasais (V nas.); ditongos nasais (dit.nas.); vogais não reduzidas (V n.red.); ditongos (dit.); vogais reduzidas ([i], [u] e vogal central média) com e sem contabilizar o “acento especial”; e schwa.

(ii) **Resolução de choque entre dois acentos secundários** (obrigatória):

A. Se possível, desloque o segundo batimento forte para a sílaba que se segue à direita.

B. Nos restantes casos, apague qualquer um dos dois batimentos, de preferência o que recaí sobre uma sílaba de vogal “fraca”.

(iii) **Resolução de choque entre acento primário e secundário** (opcional): Apague o acento secundário à esquerda do acento primário.

4. Conclusões

A proposta apresentada, baseada em dados perceptivos, defende a existência de dois princípios métricos de acentuação secundária e de um princípio que acentua a segunda sílaba pré-tónica no sentido direita-esquerda. Esses princípios são posteriormente submetidos a princípios de reajustamento que têm em conta condicionantes rítmicas e de timbre vocálico.

Assim, tal como quase todos os linguistas referidos defenderam, parece existir um acento secundário inicial no PE (aliás, a maioria dos acentos foram mesmo percebidos na primeira sílaba). Os nossos resultados vão ainda ao encontro da proposta de Vigário (2003), segundo a qual os acentos secundários existem apenas no princípio de palavra prosódica (isto é, sobretudo na primeira sílaba, mas também são possíveis na segunda).

A direccionalidade agora proposta para o acento secundário, esquerda-direita, coincide com as propostas de Pereira (1999) – que defende a existência de dois algoritmos para o acento secundário (um com a direccionalidade esquerda-direita e outro com a contrária) – e de Brandão de Carvalho (1988-1992) – que considera a existência de um sistema acentual não moraico, actuando da esquerda para a direita e acentuando sempre a primeira sílaba pesada ou a sílaba inicial.

Este trabalho está ainda de acordo com a intuição de que as sílabas com vogais não reduzidas recebem mais frequentemente um acento secundário, intuição essa que já foi apresentada por vários linguistas – Brandão de Carvalho (1988-1992) e outros como Lüdtké (1953) e Mateus (1975)⁷.

A proposta aqui formulada sugere algumas ideias a explorar futuramente, que referimos brevemente. Quanto ao papel do acento secundário no ritmo, este parece ser bastante importante no PE, pois esta proeminência sublinha o início da palavra prosódica, tal como o acento primário sublinha o fim. Com efeito, a distribuição do acento secundário parece confirmar a intuição de Frota e Vigário (Frota (2000) e Frota e Vigário (2000) relativamente ao sintagma entoacional, e comunicação pessoal quanto à palavra prosódica) de que, no PE (ao contrário do que acontece no PB), a palavra prosódica e o sintagma entoacional são domínios fortes, domínios com uma grande marcação prosódica.

⁷ Note-se que Mateus (1975) associa um grau de acento mais elevado às vogais não reduzidas, reservando, no entanto, a designação de “acento secundário” apenas para os acentos primários enfraquecidos em palavras compostas como *secamente* e *papelzinho*.

Além disso, tal como existe uma “janela de três sílabas” para o acento primário, poderia existir igualmente uma tendência para essa limitação no PE para o acento secundário: nesta variedade, a proeminência não-primária recai normalmente sobre uma das três primeiras sílabas da palavra prosódica mínima.

Convém ainda assinalar que, noutras línguas, encontramos algumas semelhanças na distribuição do acento secundário e que esta vai ao encontro da ideia de delimitação inicial e final da palavra. Por exemplo, Roca (1986) refere a existência de um reforço acentual no início da palavra no Castelhana, Vogel e Scalise (1982) referem a obrigatoriedade de acento inicial de palavra no Italiano, e Booij (1995) sublinha a tendência existente no Neerlandês para atribuir acentos secundários aos limites inicial ou final de palavra prosódica (dependendo da posição final ou inicial do acento primário).

Finalmente, várias são as questões que ficam por resolver ou aprofundar. Por exemplo, é necessário explicar a existência dos “acentos especiais” e dos acentos em adjuntos de palavra prosódica, o funcionamento exacto da “força vocálica”, o comportamento das palavras prosódicas em diferentes estruturas prosódicas e as “circunstâncias” linguísticas que condicionam a opção por um determinado princípio de acentuação secundária.

Referências

- Abaurre, M. Bernardete, Charlotte Galves, António Mandel & Filomena Sândalo (2001) *The Sotaq optimality based computer program and secondary stress in two varieties of Portuguese*. Ms.
- Andrade, Ernesto d' (1997) Some remarks about stress in Portuguese. In Martínez-Gil, Fernando & Alfonso Morales-Front (orgs.) *Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, pp. 343-358.
- Andrade, Ernesto d' & Bernard Laks (1992) Na crista da onda: o acento de palavra em português. In *Actas do VII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 15-26.
- Andrade, Ernesto d' & M. Céu Viana (1989) Ainda sobre o acento e o ritmo em português. In *Actas do IV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 3-15.
- Andrade, Ernesto d' & M. Céu Viana (1999) Constantino e os acidentes de Constantinopla: os acentos do Português e do Castelhana. In Marrafa, Palmira & M. Antónia Mota (orgs.) *Linguística Computacional: Investigação Fundamental e Aplicações*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 79-95.
- Booij, Geert (1995) *The Phonology of Dutch*. Oxford: Oxford University Press.
- Carvalho, Joaquim Brandão de (1988-1992) Réduction vocalique, quantité et accentuation: pour une explication structurale de la divergence entre portugais lusitanien et portugais brésilien. *Boletim de Filologia* 32. pp. 5-26.
- Collischonn, Gisela (1994) Acento secundário em Português. *Letras de Hoje* 29 (4). Porto Alegre: PUCRS, pp. 43-55.
- Delgado Martins, M. Raquel (1983) *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais*. Lisboa: Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- Frota, Sónia (2000) *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological Phrasing and Intonation*. New York: Garland Publishing.
- Frota, Sónia & Marina Vigário (2000) Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Vol.1*. Coimbra: APL, pp. 533-555.
- Halle, Morris & Jean-Roger Vergnaud (1987) *An Essay on Stress*. Cambridge / Londres: MIT Press.
- Liberman, Mark & Alan Prince (1977) On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, 8. pp. 249-336.
- Lüdtke, Helmut (1953) Fonemática Portuguesa II: Vocalismo. *Boletim de Filologia* 14. pp. 197-217.
- Mateus, M. Helena (1975) *Aspectos da fonologia portuguesa*. Lisboa: INIC [2ª ed. revista. 1982].
- Mateus, M. Helena et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 1035-1076.
- Mateus, M. Helena & Ernesto d'Andrade (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Nespor, Marina & Irene Vogel (1986) *La Prosodia*. Madrid: Visor [tradução de A. A. Gumiel, 1994].
- Pereira, Isabel (1999) *O Acento de Palavra em Português. Uma Análise Métrica*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Roca, Iggy (1986) Secondary stress and metrical rhythm. In *Phonology Yearbook* 3. pp. 341-370.
- Sá Nogueira, Rodrigo (1938) *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Viana, Aniceto dos Reis Gonçalves (1883) Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne. In *Estudos de Fonética Portuguesa*, 1973. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 83-152.
- Vigário, Marina (2003) *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlim / Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Vogel, Irene & Sergio Scalise (1982) Secondary stress in Italian. *Lingua* 58. pp. 213-242.